

Trabalho apresentado no V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo

Terceira/Açores

31 de maio a 3 de junho 2012

**Casa do Espírito Santo – Centro de Interpretação, Divulgação e
Documentação do Culto ao Divino Espírito Santo**

**Jorge Alves Jorge
Paulo Oliveira**

Poderá parecer estranho, espero até que o pareça, eu estar neste V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo e anunciar desde já que falarei de bois, ovelhas e cabras, de atuneiros e uma sociedade marítima, de rainhas, como a rainha Santa Isabel, da Sociedade Amor da Pátria e maçonaria.

Desde já pretendo salientar como esta manifestação cultural é heterogénea, pitoresca e um sinal dos tempos em que é vivida.

Ora, valorizando estes aspetos das Festas do Espírito Santo, pretendo dar a conhecer o projeto da Casa do Espírito Santo – Centro de Interpretação, Divulgação e Documentação do Culto ao Divino Espírito Santo – da associação de desenvolvimento local Mare Apertum, que aqui represento.

Esta associação tem por fim a valorização cultural e social, com incidência na história, cultura, património, artes e ambiente da ilha do Pico, promovendo a preservação e divulgação da memória coletiva significativa. Tem natureza apartidária e laica.

Apesar de informalmente estar em germinação há vários anos, esta iniciativa só se formalizou há pouco mais de um ano. Não restringindo a sua atuação ao culto do Espírito Santo, foi este o seu elo embrionário que juntou uma série de pessoas interessadas nesta temática.

Tendo por base os pressupostos que alicerçaram a sua criação, a Associação Mare Apertum pretende levar a cabo a recolha, mostra e divulgação de espólio ligado ao culto do Divino Espírito Santo, bem como promover o seu estudo, numa perspetiva, mais do que religiosa, histórica e cultural. Por tudo isto nos lançámos no projeto da Casa do Espírito Santo

Que interesse vemos numa casa-museu?

Concebemos esta casa-museu como entidade prestadora de serviços, atuando no âmbito do desenvolvimento local, entendido não apenas como o desenvolvimento patrimonial, mas também como desenvolvimento socioeconómico no seu todo.

Consideramos a intervenção patrimonial dos museus locais como o meio para desenvolver os contextos territoriais em que estão inseridos. A sua intervenção não se resumirá ao trabalho com as coleções, assumindo, na sua generalidade, uma intervenção, entre outros aspetos, na área da valorização dos recursos locais, do património, de aspetos culturais, no apoio ao ensino, no fomento do emprego e na formação profissional.

Para a União Europeia, a intervenção comunitária no desenvolvimento das regiões passa por uma forte aposta nas políticas de intervenção a nível local, estabelecendo permanentemente uma relação estrutural entre cultura e desenvolvimento.

Neste sentido, os museus locais que, num passado recente, foram encarados como fatores menores na política cultural oficial, são hoje reconhecidos pela União Europeia como elementos essenciais dessa mesma política. Aqui, reencontramos os princípios orientadores dos documentos “fundadores” da estrutura teórica da nova museologia como suporte das orientações comunitárias.

Que interesse vemos nesta Casa do Espírito Santo? Ao investir neste projeto não estaremos a sobrepor-nos às irmandades ou a usurpar-lhes o papel de relevo que têm na dinamização das Festas do Espírito Santo?

Até ao momento concentramos a iniciativas da Mare Apertum na freguesia das Ribeiras, concelho das Lajes do Pico, onde ela está sedeada, local revelador da heterogeneidade e do carácter pitoresco destas festas, aspetos que antes destaquei. Está nos nossos projetos envolver na sua ação outras freguesias e outras entidades, daí até a minha presença hoje, aqui.

Ora a nossa curta experiência mostra-nos que a Casa do Espírito Santo permitirá preservar património de relevo para esta comunidade e de interesse cultural que, de outra forma, se poderia perder; permitirá mostrar aquilo que, tendo tido relevo na vida desta comunidade, neste momento está esquecido no fundo de gavetas, de baús, de armários; permitirá dinamizar a vida desta comunidade; permitirá concertar para o desenvolvimento deste projeto esforços de instituições e de particulares, de que já recebemos muitas reações positivas.

Na verdade, das 6 irmandades presentemente ativas na freguesia das Ribeiras, a maior parte não tem tido o cuidado de registar, de forma minimamente organizada, as suas memórias. Mas todas participaram na exposição *Espírito Santo – Algumas Memórias* na tertúlia *Noite do Espírito Santo*, atividades que organizamos e dinamizamos a 20 de maio do corrente ano na referida freguesia, para dar a conhecer a história e a situação presente destas instituições e que integraram a semana cultural *Ribeiras CoMvida*, da responsabilidade da Câmara Municipal das Lajes do Pico.

E, dando um pouco de atenção a estas irmandades, se algumas remontam ao século XVIII (temos indícios de a atividade da irmandade da Terça Feira do Divino Espírito Santo remontar a 1770), outras terão surgido em princípios do século XX, ainda que os estatutos de todas tenham sido criados muito recentemente. Nos Açores, as festas remontarão aos primórdios do povoamento no arquipélago e constituem hoje um dos mais elucidativos testemunhos de fé do Povo Açoriano.

Segundo o Pe. Hélder Fonseca Mendes, Vigário Geral da Diocese de Angra, “Após a introdução do culto do Espírito Santo nos Açores, sob a forma de Império, em finais do século XV, as razões para a sua permanência devem-se ao facto de estas festas serem as que melhor permitiram o entendimento entre os diversos povoadores e se enquadram num espírito de solidariedade necessário na luta contra as dificuldades; pela simplicidade do elemento material necessário; pelo peso da hierarquia não ser tão forte nas repressões devido ao papel evangelizador dos franciscanos e à incorporação destes valores pelo clero local; pela resistência à dominação política filipina, na afirmação das tradições locais; pela construção de pequenos edifícios para impérios e pelo apoio da emigração açoriana.”¹



Imagem 1 - Antiga coroa da Irmandade das Pontas Negras

¹ Hélder Fonseca Mendes (2008), “Sobre a permanência do culto do Espírito Santo nos Açores”, *Ecclesia*, 8/5/2008. Disponível a 30/5/2012 em <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=59708>.

E apesar de mais rapidamente associarmos as irmandades a gente da terra, ou não fosse o boi um ingrediente chave das sopas, uma delas nasceu como sociedade marítima, Sociedade dos Marítimos do Porto de Santa Cruz, cabendo às companhas dos barcos sedeados no porto das Ribeiras a organização das festas, uma companha por ano. Esta irmandade, hoje Irmandade da Terça-feira do Divino Espírito Santo, ainda tem como cabeça de pelouro um antigo proprietário de um atuneiro que esteve sedeado no porto das Ribeiras. Ora três dos milagres que se atribuem ao Espírito Santo pelo Pico envolvem bois e vacas. Primeiro: aquando da formação dos mistérios, o lume queimou tudo do mar à serra; desviou-se apenas de um cabeço onde estavam os bois prometidos para a festa do Divino Espírito Santo. Segundo: um mordomo achou que os bois tinha prometidos para a festa não tinham engordado como ele desejava e tratou de comprar outros; pois, os bois prometidos rebentaram as cordas que os prendiam e atiraram-se à costa. Terceiro: um emigrante que trabalhava num *farm* na América do Norte tinha a seu cuidado separar as vacas ordenhadas daquelas que ainda não o tinham sido; em determinada altura esqueceu-se da cancela aberta e as vacas, que eram alguns milhares, misturaram-se; encheu-se de fé ao divino, fez uma promessa e as vacas aos poucos foram-se separando.

E apesar de há pouco ter falado em boi como ingrediente chave das sopas, poderia também falar de ovelha ou um carneiro. Houve anos em que a pobreza das gentes apenas lhes permitia oferecer uma rês de menor valor. Foram os tempos em que as crianças, hoje de cabelos brancos, partiam um naco da rosquilha que tinham recebido nas festas, pendurada no teto da cozinha, esperando que o manjar rendesse por longo tempo.

E apesar de estas festas constituírem um culto religioso cristão, eram presença assídua no almoço da Irmandade da Segunda-feira membros de uma loja maçónica da Horta, a Sociedade Amor da Pátria. Existem registos que mostram que as lanchas da capitania da Horta vinham com os senhores “grados” da Horta na Segunda-feira do Espírito Santo para comer sopas. Eram uma presença estranha, por poucos compreendida, para mais quando as irmandades são associações de carácter territorial – podem integrá-las naturais, residentes ou vinculados a residentes na freguesia. Consta que estas pessoas vinham às festas em Santa Cruz e criaram uma irmandade, a Irmandade da Segunda-feira do Espírito Santo, para não se misturarem com os marítimos. A construção do salão de que esta irmandade dispõe agora terá sido financiada pela referida loja maçónica, que também terá aproveitado o espaço para se reunir. Para essa mesma construção, os irmãos contribuíram com trabalho: carregaram a areia em carrinhos de mão e num único carro de bois de que dispunham ao domingo, depois da missa, celebrada mais cedo para libertar tempo para o trabalho. Curioso é que esta foi a única irmandade da freguesia que chegou a ter como cabeça de pelouro um padre.

E apesar de estas festas constituírem um culto religioso de cristãos católicos, o clero nem sempre o viu com bons olhos. Veria este culto como pouco ortodoxo? Ainda há pouco me referi à presença de membros da maçonaria nestas festas... Moisés Espírito Santo regista que “Os judeus beirões do princípio do séc. XX diziam: «O Espírito Santo é nosso, não é deles

[católicos]»² Note-se que em Portugal continental, este culto quase desapareceu. Exceção a registar é a Festa do Tabuleiros de Tomar. Ou será que o clero aceitava mal o facto de a tutela das festas, por sistema, lhe escapar? A irmandade constitui o núcleo organizacional do culto.

E apesar de mais habitualmente se apresentarem as Festas do Espírito Santo dos Açores como origem das Festas do Espírito Santo celebradas nos Estados Unidos, os emigrantes determinaram vários aspetos destas festas na freguesia das Ribeiras. Na verdade, irmandades houve que alteraram o calendários das festas por si organizadas para facilitarem a participação de emigrantes. Mais significativo que este é o facto de, nas Ribeiras, atribuírem aos emigrantes a introdução das rainhas da festa: a primeira terá sido Emily Cabral, em 1935. Esta prática estabeleceu-se a ponto de se tipificar os quadros que as rainhas representavam. Foi frequente representarem um quadro com a rainha Santa Isabel, marcada pelo azul, pelas rosas e pelo pão, a introdutora, segundo alguns, do culto do Espírito Santo em Portugal. Outro com a rainha Portuguesa, vestida de vermelho e verde, à republicana. De início, assumiam o papel de rainhas raparigas jovens; mais tarde apareceram a fazê-lo crianças. Com o tempo, outras freguesias terão passado a ter rainhas na festa. A peça da indumentária destas rainhas que é costurada com particular esmero é a capa. Muitas destas peças vistosas encontram-se arrumadas no fundo de baús. Vários proprietários já nos doaram os cederam para expor. As fotografias que apresento adiante ainda estão a ser objeto de trabalho para arquivo, pelo que ainda não dispomos de algumas informações sobre elas, como datas.

² Moisés Espírito Santo (2010), "A festa do Espírito Santo", *Jornal de Sintra. Separata Espírito Santo*, 4/6/2010. Disponível a 30/5/2012 em <http://www.jornaldesintra.com/2010/06/2-a-festa-do-espírito-santo>. Cita Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, IV, Casa da Moeda, p. 223.



Imagem 2 - Emily Cabral. A primeira rainha da festa de Segunda-feira do Espírito Santo. Ribeiras, 1935.



Imagem 3 - Rainha Santa Isabel



Imagem 4 - Indumentaria de Rainha Santa Isabel



Imagem 5 – Rainha Portuguesa: Humberta da Valentina (aia, Maria de Lurdes; varas, Nel Batista, Armando Tavares, Nel Fernando). 1963.



Imagem 6 – Cármen (Prima) – 1.^a rainha em criança



Imagem 7 - Capa de rainha



Imagem 8 - Capa anterior em procissão

Creio ter mostrado que existe abundante património, que estando espalhado pelas casas das pessoas, por cá e pela diáspora, urge recolher: as famosas capas das rainhas, toalhas, fotos, vídeos, loiças... Até as diferentes formas de confeccionar as sopas, que variam bastante de ilha para ilha e até de freguesia para freguesia.

Neste curto ano de atividade, reunimos já um pequeno, mas significativo espólio, como uma toalha com cerca de 250 anos que servia para decorar o altar ao Divino Espírito Santo, fotos das primeiras rainhas que remontam a 1936, vídeos de 1961 e algumas capas das quais a mais antiga data de meados dos anos 50 do século passado.

É esta riqueza e diversidade que queremos preservar e dar a conhecer, são estas variadas manifestações do culto ao Divino que importa estudar para dar a conhecer. É a diversidade que torna este culto único e de tão grande riqueza cultural, que marca a identidade das comunidades açorianas.